



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 01 – *Identities, differences and inequalities in debate.*

O papel socioambiental e a identidade dos(as) catadores(as) de resíduos: o caso das cooperativas de triagem de Pelotas/RS



O papel socioambiental e a identidade dos(as) catadores(as) de resíduos: o caso das cooperativas de triagem de Pelotas/RS

Leandro Almeida de Tunes¹

Diante dos riscos ambientais representados pela incorreta destinação de resíduos sólidos no ambiente, discutir medidas de gestão destes materiais se faz imprescindível. No Brasil, após a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, ações para garantir a reutilização e reciclagem de resíduos têm sido adotadas e intensificadas. Neste contexto, os catadores aparecem como atores socioambientais indispensáveis na cadeia da reciclagem, como agentes ambientais que atuam em parceria com a municipalidade. Esses atores socioambientais muitas vezes são invisíveis ou comparados ao material que coletam e separam, não sendo reconhecidos como agentes ambientais. Tem-se como problema de pesquisa o seguinte: como o trabalho dos catadores influencia na construção das suas identidades no contexto da gestão de resíduos de Pelotas? O objetivo deste trabalho é compreender como ocorre a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis e como estes são reconhecidos socialmente em relação ao seu trabalho no contexto de Pelotas. Será necessário, neste sentido, abordar as discussões teóricas sobre identidade, reconhecimento social e estigma e os autores que abordam esses assuntos. A análise metodológica será qualitativa, com análise documental, observação direta e entrevistas como técnicas de pesquisa. Os resultados obtidos neste ciclo de pesquisa demonstram que a identidade dos catadores de Pelotas é (re)elaborada na medida em que estes são reconhecidos como agentes ambientais.

Palavras-chave: construção da identidade; catador(a) de material reciclável; cooperativas de triagem de Pelotas.

¹Mestrando, UFPEL, leandrotunes@gmail.com

INTRODUÇÃO

A busca de soluções para os problemas criados pelos resíduos sólidos gerados, principalmente, nos centros urbanos em diversos países do mundo, pode ser considerada como um dos grandes desafios no mundo globalizado contemporâneo. Há décadas é possível evidenciar os impactos ambientais oriundos do alto consumo, da coleta e disposição inapropriada destes materiais.

No entanto, não são apenas implicações de cunho ambiental que são trazidas pela disposição inadequada destes resíduos, mas também questões sociais, como a precariedade de condições de trabalho, o trabalho infantil e a deficiência de saneamento e soluções em saúde pública.

No Brasil as discussões para minimizar os impactos ambientais provenientes da incorreta gestão dos resíduos sólidos datam do início da década de 1970, e atualmente essa pauta tem cada vez mais força política, tendo culminado, em 2010, na aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos. A disposição dos resíduos sólidos urbanos em lixões² tornou-se prática comum nos municípios brasileiros, principalmente por ser considerada técnica e economicamente conveniente aos gestores públicos, em contraposição aos aterros controlados e sanitários que exigiam maiores investimentos e qualificação técnica.

No entanto, a existência de lixões acarreta não apenas na degradação ambiental onde estes estão inseridos, mas também questões de cunho social. É notável a presença de "catadores de lixo"³ que fazem da catação nos aterros, mas também nas ruas das cidades, um meio de sobrevivência. O contexto de escassez de empregos verificados no Brasil, somado a um excludente mercado de trabalho àqueles com baixa qualificação, conduziram (e continuam conduzindo) milhares de pessoas – inclusive crianças - ao trabalho pesado e perigoso realizado nos lixões. (SEVERO, 2008)

Muitos(as) desses(as) trabalhadores(as) se organizam em cooperativas ou associações de triagem de resíduos, como uma alternativa à informalidade e às condições precárias de trabalho.

² Vou utilizar a expressão "lixão" para designar, genericamente o uso coloquial, das três formas de disposição final de resíduos evidenciadas no Brasil, quais sejam: aterro sanitário, aterro controlado e lixão.

³ Saliento ao leitor que será utilizado o termo "catador(a)" para me referir àqueles(as) que trabalham coletando resíduos sólidos nas ruas ou nos lixões e aterros. Já quando me referir à palavra "triador(a)", estarei falando daqueles que atuam apenas separando os resíduos sólidos nas cooperativas ou associações voltadas a este fim.

De acordo com estimativa do Ipea (2013), no entanto, o percentual de trabalhadores(as) ligados às cooperativas e associações ainda é pequeno, ficando em torno de apenas 10% do total.

O próprio Ipea elenca motivos para essa baixa adesão ao trabalho coletivo, entre os quais podem ser citados:

i) muitos catadores preferem atuar sozinhos, em nome de uma suposta autonomia na gestão de seu tempo e do resultado de seu trabalho; ii) há uma desinformação muito grande quanto às exigências para constituição de cooperativas e associações; iii) o processo de criação desses empreendimentos exige conhecimento técnico especializado, tanto na sua constituição quanto na sua gestão, o que requer dos catadores o estabelecimento de parcerias que lhes garantam o assessoramento técnico necessário; iv) muitos catadores enxergam as cooperativas como um agente externo, não têm a consciência que elas são formadas e geridas por eles próprios, que são os verdadeiros donos do empreendimento. (IPEA, 2013)

No município de Pelotas, localizado no extremo sul do Brasil, também é possível evidenciar esta realidade, acompanhando o que acontece no cenário nacional. Neste município, muitos destes trabalhadores com demanda por emprego se organizaram em cooperativas ou associações de triagem de resíduos, principalmente, após o fechamento do aterro controlado local.

A partir dessas formas de organização, os(as) trabalhadores(as) deixaram de atuar diretamente nas ruas ou em espaços considerados lixões para trabalhar nas cooperativas, espaços com alguma estrutura, o que acarretou também em alterações na forma como esses indivíduos se reconhecem e também como são reconhecidos socialmente.

Assim, por meio desse trabalho propõe-se compreender qual a relação entre a mudança de ambiente de trabalho e a construção identitária destes(as) trabalhadores(as) no contexto da gestão de resíduos sólidos do município de Pelotas-RS.

Como marco teórico do presente trabalho tem-se o reconhecimento social e a construção da identidade, trazendo as discussões teóricas de autores como Stuart Hall, Claude Dubar, Erving Gofman e Jessé de Souza.

É empregada nesse estudo uma metodologia de análise qualitativa e como técnicas de pesquisa a observação direta, a realização de entrevistas⁴ com os(as) triadores(as) cooperados(as) e representantes de poder público municipal, com a utilização roteiro semiestruturado, além de análise de documentos de políticas de Estado e das cooperativas pesquisadas.

Dessa forma, por meio desse trabalho, a proposta é contribuir com os debates acadêmicos que envolvem a inter-relação entre trabalho, reconhecimento social e construção da identidade, apresentando o caso até então pouco estudado que é o das cooperativas de triagem de resíduos no município de Pelotas-RS.

PROCESSOS SOCIAIS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E OS(AS) CATADORES(AS) DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Quem é você? Quem eu sou? Estas perguntas podem ser respondidas de várias maneiras diferentes, mas via de regra nós as respondemos como se estivéssemos dando explicações ao telefone a um estranho. Ou seja, respondemos dizendo nosso nome, o local de onde estamos falando, talvez falemos nossa idade, nosso gênero, nossas características físicas ou até mesmo do clube de futebol que torcemos. Também seria bastante comum falar da nossa etnia ou da nossa religião (para os que as têm) para expressar quem somos.

Essas respostas dizem muito sobre nossa identidade pessoal e social, mas será que são capazes de dar conta de reproduzir tudo sobre nós? O mais apropriado seria dizer que respondem em parte. Isto porque nossa identidade é formada não só pelo modo como nos enxergamos, mas também pelo ponto de vista como os outros nos enxergam. "As identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão."(GOFFMAN, 2004, p. 91). Para Hegel, apud Faria (2006) — a identidade é sobretudo um conceito relacional. É construída de forma dialógica através de um processo de reconhecimento mútuo.

Além disso, a identidade pode assumir como característica uma transitoriedade e/ou uma multiplicidade, podendo ganhar contornos de, respectivamente, produção contínua da identidade e de identidades (no plural) do sujeito. Definir quem somos, como

⁴ Até o estágio atual da pesquisa foram realizadas quatro entrevistas, sendo três delas com trabalhadores(as) da Cooperativas de Catadores da Vila Castilho (COOPCVC) e outra com um representante da autarquia municipal responsável pela coleta e disposição final de resíduos sólidos do município de Pelotas (SANEP).

gostaríamos de ser reconhecidos socialmente, não é tarefa que pode ser resolvida facilmente e sob um olhar superficial. Por esta razão que as discussões sobre identidade têm ganhado espaço e estão fortemente presentes na sociedade atual, não só no meio acadêmico, mas também nas notícias, nas redes sociais, nas rodas de conversa e nos mais diversos meios. Como disse Faria (2006) “a questão da identidade está hoje, mais do que nunca, na ordem do dia.”

Por isso, alguns ramos do conhecimento científico preocupam-se em discutir as várias interfaces concernentes à construção da identidade. Abordagens no campo da filosofia, antropologia, ciência política, psicanálise e da psicologia são bastante comuns e demonstram o quão multidisciplinar são as discussões envolvendo o tema identidade.

Estudos sobre formação da identidade social, sobre identidade cultural, sobre identidade nacional, de gênero, de idade, de língua, sobre estigma, sobre identidade de grupo ou individual, sobre identidades (no plural), sobre reconhecimento e justiça, são apenas algumas das inúmeras facetas que o tema identidade pode assumir sob a perspectiva de uma sociologia de construção identitária. As leituras realizadas para esta pesquisa revelam que os estudos pautados no tema Catadores de Resíduos e Cooperativas estão voltados, principalmente na Sociologia, a uma abordagem sobre as relações de trabalho, a precariedade do trabalho e a vulnerabilidade social. Ou seja, poucos trabalhos sociológicos relacionam as questões de identidade e reconhecimento social ao trabalho dos(as) triadores(as) nas cooperativas e, quando o fazem, apenas superficialmente abordam o tema.

Embora, atualmente, as discussões envolvendo a construção da identidade e o reconhecimento social tenham ganhado força no meio acadêmico, parecendo, inclusive, já ter alcançado um grau de esgotamento nas ciências sociais, pode-se perceber que ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas, arestas a serem aparadas e questões a serem discutidas, considerando, dentre outros fatores, a dinâmica, a relevância e a atualidade do tema. Não deve haver, portanto, motivos para reificar ou essencializar o termo identidade, cabendo, ainda, evolução nas discussões, adequando-as à realidade temporal e espacial do analista social.⁵

⁵ São muitos os olhares possíveis sobre a temática da identidade e que parece ter conseguido abordar de maneira bastante didática o tema foi o sociólogo jamaicano Stuart Hall em sua obra “Identidade Cultural na Pós-modernidade”, traduzida para o português no início da década de 1990.

A seguir serão apresentados alguns dos pontos que auxiliam no entendimento das discussões acadêmicas sobre identidade.

As estruturas sociais que permitiam que as identidades da idade moderna fossem passíveis de estabilidade, foram aos poucos desestabilizadas e descentradas. Segundo Hall (2002 p. 8), a transformações sociais (deslocamento pessoal na sociedade) também trazem mudanças da identidade individual, alterando a ideia de sujeito integrado. Vai dizer que as paisagens culturais de classe, de gênero, de sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão se fragmentando, sendo que no passado estas forneciam sólidas bases para identidades pouco flexíveis. Ocorreu, ou ainda ocorre, na pós-modernidade um descentramento ou descentração do indivíduo tanto do seu lugar na sociedade quanto de sim mesmo. (HALL, 2002).

Propõe-se aqui, sob o prisma das discussões que envolvem a construção da identidade, a partir dessa perspectiva de Goffman, compreender sobre possíveis estigmas que podem resultar das relações envolvendo os(as) catadores(as) e triadores(as) de materiais recicláveis.

Ao abordar o tema estigma, procura-se abordar mais detidamente o conteúdo exposto no livro “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” de Erving Goffman, em que o autor procura demonstrar como pode se formar um estigma social e as consequências que isto pode trazer aos indivíduos estigmatizados. Muitas vezes o estigmatizado, termo este utilizado por Goffman em oposição ao indivíduo normal, se vê no grupo do seus pares, mas em outros momentos pode ser que se veja em outro grupo: os normais e a sociedade mais ampla que eles constituem. (GOFFMAN, 1988). Isto pode representar o que Hall (2002) chamou de uma possível crise de identidade.

Compreender se restaram estigmas quando os(as) trabalhadores(as), objeto empírico deste trabalho, realizavam a catação nas ruas ou no lixão e se estes estigmas cessaram após trabalharem nas cooperativas é um dos objetivos deste projeto.

Nas entrevistas realizadas até o momento, verificou-se que os(as) cooperados(as) sofriam preconceito, eram discriminados e sentiam-se, muitas vezes, envergonhados de catarem resíduos no aterro controlado do município. Segundo o entrevistado F.L., triador na COOPCVC, a vergonha da sua atividade (catação no lixão) quase o fez perder a sua namorada. Este pode ser um exemplo da estigmatização que pode sofrer esses trabalhadores. Na visão de Miura (2004), existe uma relação dialética entre os sentimentos de vergonha e orgulho que constituem o agir do(a) catador(a) no exercício

de lidar com os resíduos sólidos. A vergonha pode se dar na compreensão de que sobrevive em condições desumanas e, muitas vezes, pode ser comparado ao produto que lhe gera renda e condições de sobrevivência. Já o orgulho consiste na descoberta da sua importância como agente ambiental que contribui para as questões de preservação e conservação.

A segregação social percebida no caso dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis pode constituir estigmas na sua identidade narrativa, tais como o da culpabilidade pela sua própria exclusão; o da vergonha; e o da desconfiança daquele que lhes é diferente. Estes processos os levam a constituir núcleos familiares entre si, como uma forma de estabelecerem relações de solidariedade entre eles e sobreviverem à segregação. (COSTA, 2016)

É claro que muitas vezes não é possível se livrar do estigma da noite para o dia, sendo este processo lento ou até mesmo irreversível. Embora Goffman (1988) diga o contrário, que em determinadas circunstâncias pode ser repentino tanto o término do estigma, quanto a aquisição de um. Vai usar como exemplo a cirurgia plástica estética ou corretiva, em que um estigmatizado por uma cicatriz, por exemplo, muda rápida e drasticamente sua aparência.

O PAPEL SOCIOAMBIENTAL E A IDENTIDADE DO(A) CATADOR(A)

Neste tópico serão abordadas algumas teorias sobre reconhecimento social e processos identitários ligados ao trabalho em geral, mas também tratará da pesquisa de campo realizada até o momento atual deste estudo, estabelecendo relações entre as referidas teorias e as respostas que o campo apresentou através das entrevistas realizadas junto aos atores sociais.

O(a) catador(a) de resíduo desempenha um importante papel socioambiental, seja quando retira das ruas materiais que podem contaminar o ambiente ou entupir bueiros, por exemplo, seja quando retira dos lixões resíduos recicláveis que seriam enterrados junto com os rejeitos e resíduos orgânicos. São, portanto, agentes ambientais sem os quais a reciclagem de resíduos no Brasil seria inviável.

No entanto, mesmo que a ocupação de catador de material reciclável tenha sido reconhecida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), e que este trabalho os exponha a perigos e insalubridade, na maioria das vezes estes atores sociais não são

reconhecidos como agentes ambientais, sofrendo discriminação pelo trabalho que desempenham, sendo comparados, muitas vezes, ao material que recolhem ou separam.

De acordo com as entrevistas realizadas junto aos(as) trabalhadores(as) na COOPCVC que quando os(as) catadores(as) passam a se organizar em cooperativas ou associações de triagem de resíduos, atuando em parceria com o poder público municipal no sistema de coleta seletiva, percebe-se que existe uma maior aceitação social dessa categoria como agentes ambientais.

Dubar (2005) em sua obra “A socialização: construção das identidades sociais e profissionais” vai tratar exatamente sobre essa abordagem. Ou seja, o autor vai tratar do reconhecimento social e da construção da identidade proporcionados pela profissão e pelo trabalho.

Para chegar a tal conclusão, Dubar (2005) faz um apanhado histórico da expressão profissão, que no idioma francês, assim como no português, remete a dois significados encontrados no inglês: *ocupacion*, que seria a totalidade dos empregos, e *professions*, representando os profissões liberais e científicas, como médicos, advogados.

J. Le Goff (1977), *apud* Dubar (2005), vai dizer que no século XIII, na época do surgimento das universidades o trabalho era considerado uma arte. Essa organização corporativa assumia a forma de "ofício juramentado" em “cidades juramentadas” onde se "professava uma arte". O termo "profissão" deriva dessa "profissão de fé" cumprida nas cerimônias dos rituais de admissão nas corporações. Ou seja, profissão no sentido de professar (declarar) a fé.

Com o desenvolvimento e a consolidação das universidades, diz Dubar (2005), as artes mecânicas começaram a se separar das artes liberais, levando à oposição entre as "profissões", ensinadas nas universidades e cuja produção cabe mais ao espírito do que à mão, e os "ofícios", oriundo das artes mecânicas, em que "as mãos trabalham mais que a cabeça".

Dubar (2005) vai dizer que no século XVIII, quando um artesão entrava no ofício ele adquiria um estado particular, uma condição social e uma capacidade ontológica que compartilhava com quem exercia o mesmo ofício, definindo sua posição na ordem social.

Essa posição na ordem social ocasionada pelo trabalho ainda hoje pode ser sentida, distinguindo as pessoas em relação ao reconhecimento social. A comparação entre o trabalho de um médico e de um professor, ou deste com um catador diz muito sobre o reconhecimento social que estes diferentes trabalhadores podem ter.

Neste sentido, é possível dizer que existe diferença no reconhecimento social, e portanto, na construção da identidade, do trabalho exercidos nas ruas ou nos lixões pelos(as) catadores(as) e aquele desenvolvido nos ambientes das cooperativas, onde os(as) triadores(as) possuem melhores condições de trabalho, contando com o reconhecimento do poder público e da sociedade em geral.

Nas cooperativas de triadores estudadas para este trabalho, mostra-se apropriada, dentro da perspectiva da abordagem de Hall (2005), percebe-se que as identidades são formadas e transformadas continuamente. No momento em que os atores sociais em análise trabalhavam nas ruas ou no lixão eram reconhecidos e se reconheciam de determinada maneira e, após o ingresso no ambiente das cooperativas, passaram a elaborar outras construções identitárias, conforme foi possível verificar com as entrevistas em campo.

Nas entrevistas realizadas para este projeto foi possível perceber mudanças relatadas pelos próprios entrevistados quanto ao reconhecimento social. Um dos entrevistados (F.L., 28 anos) disse que enquanto trabalhava, no hoje extinto lixão de Pelotas, sofria constrangimentos e sentia vergonha em assumir onde e com o que trabalhava. Após ingressar no trabalho da cooperativa, passou a sentir orgulho da função que desempenha: a de agente ambiental.

A condição dos(as) catadores(as) se organizando em cooperativas ou associações de triagem de resíduos e participando de fóruns de encontro destas instituições, como ocorre no município de Pelotas, os leva a experimentar uma condição nova de contato e diálogo com seus pares e com as lideranças que representam essa categoria. Esta situação permite a eles perceberem que não estão sozinhos na luta por emancipação e melhores condições de vida, principalmente quando identificam as pessoas que conheceram com um viés de admiração. (COSTA, 2016)

Também Souza (2006) ao tratar da invisibilidade da desigualdade brasileira, vai tratar da relação do trabalho com a identidade do trabalhador, dizendo que:

[...] apenas através da categoria do 'trabalho' é possível se assegurar a identidade, auto-estima e reconhecimento social. Nesse sentido, o desempenho diferencial no trabalho tem que se referir a um indivíduo e só pode ser conquistado por ele próprio. Apenas quando essas precondições estão dadas pode o indivíduo obter sua identidade pessoal e social de forma completa (SOUZA, 2006, p. 41).

Portanto, é preciso compreender a relação existente entre reconhecimento social, construção da identidade e trabalho para analisar a situação daqueles(as) que atuam nas cooperativas de triagem de resíduos de Pelotas. O fato de fazerem parte de um cooperativa, onde todos podem trabalhar sob um teto, durante o dia, com uniformes e EPIs, recolhendo a contribuição para o INSS etc., altera a forma como estes(as) trabalhadores(as) se reconhecem e são reconhecidos socialmente, e parece estar de acordo com as respostas obtidas nas entrevistas realizadas com os(as) trabalhadores(as) cooperados(as) do município de Pelotas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto histórico em que os processos sociais de industrialização têm relação direta com a geração de resíduos em larga escala, a atuação de agentes ambientais se faz imprescindível. No Brasil, a atuação dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis, tanto nas ruas quanto nas cooperativas, é indispensável para o gerenciamento dos resíduos considerados recicláveis.

No entanto, estes(as) trabalhadores(as), muitas vezes, não são reconhecidos como agentes ambientais e carregam estigmas e discriminação social por trabalhar com o lixo. Na medida que estas pessoas têm acesso a um trabalho com condições mínimas para desempenharem suas funções com os materiais recicláveis, como é o caso das cooperativas de triagem, há uma tendência de um reconhecimento social capaz de influenciar na construção da identidade.

Neste sentido, várias impressões surgiram pelos relatos obtidos junto dos(as) trabalhadores(as) cooperados(as) do município. A princípio percebeu-se que as identidades dos cooperados estão em formação, marcadas por subjetividades e processos dinâmicos. Ao mesmo tempo que foi possível perceber fragilidades e sentimento de marginalidade, também foi possível observar fatores de união e agregação, cominando na identidade de grupo.

A luta pelo reconhecimento social dos triadores de resíduos do município de Pelotas-RS parece não ter encerrado apenas pelo fato de estarem no ambiente das cooperativas. Pelo contrário, me parece que a identidade desses(as) trabalhadores(as) está constantemente sendo construída e, além disso, pretendem reivindicar melhorias na sua situação de trabalho e na qualidade de vida

Escutar, observar e absorver o que os atores sociais envolvidos na gestão de resíduos de Pelotas dizem e fazem, continua sendo objetivo desse projeto para compreender como se dá a construção da identidade desses(as) trabalhadores(as).

Em virtude de todo o exposto, é possível concluir que na medida em que os(as) trabalhadores(as) das cooperativas de triagem de resíduos de Pelotas se reconhecerem e forem reconhecidos efetivamente como agentes ambientais, dentro de um sistema integrado de gestão dos resíduos recicláveis, suas identidades serão novamente transformadas, em um processo de construção que é contínuo.

REFERÊNCIAS

COSTA, Cláudia; PATO, Cláudia. **A Constituição de Catadores de Material Reciclável: A Identidade Estigmatizada pela Exclusão e a Construção da Emancipação como Forma de Transcendência.** In: Catadores de Materiais Recicláveis um Encontro Nacional, IPEA, 2016.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005

FRASER, Nancy. **Reconhecimento sem ética?** Lua Nova, núm. 70, 2007, pp. 101-138, São Paulo, Brasil.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a, 2005.

MIURA, Paula Cerantola. **Tornar-se catador: uma análise psicossocial.** 2004. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. Acesso em: 12/07/2017. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/25/TDE-2009-09-09T13:34:15Z-8342/Publico/Paula%20Miura%20completa.pdf>.

IPEA. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável.** 2013, acesso em 05 de setembro de 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf

SEVERO, Ricardo Gonçalves. **Catadores de Materiais Recicláveis da Cidade de Pelotas: Situação de Trabalho.** UFPEL. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), 2008.

SOUZA, Jessé (Org.). A gramática social da desigualdade brasileira, In: **A invisibilidade da desigualdade brasileira.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.